

A BELEZA NEGRA EM “O CABELO DE LELÊ”, DE VALÉRIA BELÉM

Elsmar Castro da SILVA¹
Jane Adriane Gandra²

RESUMO

O presente artigo visa desenvolver um estudo acerca da beleza negra através da análise da obra *O cabelo de Lelê* da autora Valéria Belém. Com a realização deste objetiva-se analisar como a autora da obra discute as particularidades da beleza negra, no incentivo à diversidade racial. Os passos que serão desenvolvidos nessa pesquisa consistirão em: reler a obra *O cabelo de Lelê*, depois organizar o referencial teórico sobre a literatura infantil no Brasil e suas particularidades. Em seguida, organizar referencial teórico sobre a História do Negro. Para depois, discutir sobre os negros e o significado do negro através do cabelo de Lelê. Nesse sentido, procuraremos identificar quais as estratégias literárias utilizadas pela autora para destacar a beleza da raça negra para o nível das crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Beleza negra. Lelê. Literatura Infantil.

ABSTRACT

This paper aims to develop a study on the black beauty through the analysis of the work *The Lelê hair* the author Valeria Bethlehem. With the realization of this objective is to analyze how the author of the book discusses the specificities of the black beauty, encouraging racial diversity. The steps that will be developed in this research will be to: re-read the work's hair Lelê, then organize the theoretical framework on children's literature in Brazil and its particularities. Then arrange theoretical framework on Black History. To then argue about the blacks and the meaning of the black through Lelê hair. In this sense, we will seek to identify what literary strategies used by the author to highlight the beauty of the black race to the level of children.

Keywords: Black Beauty. *O Cabelo de Lelê*. Children's literature.

¹Elsmar Castro da Silva. Graduada em Pedagogia pela FAEL – Faculdade da Lapa e pós-graduanda em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Goiás-UEG. elsmarcastro2015@gmail.com.

² Orientadora deste estudo.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo científico pretende analisar a beleza negra em “O cabelo de Lelê”, de Valéria Belém onde poderão ser investigado como o negro se destaca e quais são as suas origens através das descrições dos cabelos de Lelê.

Ao analisarmos a questão da diversidade social e na padronização de uma beleza da raça branca, de que forma a autora Valéria Belém discute a valorização da beleza negra em seu livro *O cabelo de Lelê*? Quais são os aspectos e origens que nos permite compreender a identidade negra?

Este texto abordará em relação à literatura infantil no Brasil e contrapartida a análise realizada através da leitura do livro *O cabelo de Lelê*, onde será possível compreender como a beleza negra tem se destacado na referida obra, identificando assim a imagem do negro na sociedade atual.

Será realizada a releitura da obra *O cabelo de Lelê* para que possamos analisar a mesma e posteriormente poderão ser avaliados diferentes fatores em relação à beleza negra que é possível notar na obra de Valéria Belém.

Este artigo científico intitulado “A beleza negra em *O cabelo de Lelê*, de Valéria Belém” pretende analisar como a autora discute as particularidades da beleza negra no incentivo à diversidade racial. O método a ser utilizado será a pesquisa bibliográfica sobre o negro e sobre as temáticas abordadas na literatura infantil na atualidade.

Hoje, os negros ainda são alvos de piadas de mau gosto, sofrendo muitas vezes agressão verbal e física. Outras vezes, eles são impedidos de frequentar o mesmo ambiente que as pessoas de pele branca. Diante disso, a escola necessita discutir com frequência com seus alunos sobre a questão do negro e sua valorização, de maneira a acabar ou diminuir com qualquer tipo de preconceito. Sendo feito palestras educativos que envolvesse toda equipe gestora, também peças teatrais, músicas e danças.

Na escola não é diferente, é comum depararmos com alunos que não respeitam pessoas negras, criticam e, até mesmo, acusam-nas de coisas que acontecem na sala de aula. Nesse momento, o professor deve mediar os conteúdos

trabalhados em sala, conscientizando os seus alunos a respeitarem o próximo e à diversidade.

1. A Literatura infantil no Brasil

Mesmo que a literatura infantil tenha surgido no século XVIII, apenas no século XIX houve uma preocupação com a educação da criança, determinado pela qualidade dos livros que mais aprazem aos pequenos leitores. Encontrado e apreciado esse empenho, o gênero ganha consistência e uma representação definida através do trabalho dos autores da segunda metade do século XIX, garantindo seu prosseguimento e atração.

A literatura infantil brasileira nasce no final do século XIX. Antes das últimas décadas dos oitocentos, a circulação de livros infantis era precária e irregular, representada principalmente por edições portuguesas. Estas surgem a partir dos últimos anos do século passado, quando se assiste a um esforço mais sistemático de produção de obras infantis que, por sua vez, começam a dispor de canais e estratégias mais regulares de circulação junto ao público (ZILBERMAN, 2003, p.15).

No século XIX era muito difícil as pessoas terem acesso a livros como nos dias atuais, somente depois de se passar muitos anos que os exemplares infantis foram surgindo, atendendo assim o público infantil.

É nesse contexto que a vertente brasileira do gênero emerge. Embora os livros para crianças comecem a ser publicados no Brasil em 1808 com a implantação da Imprensa Régia, a literatura infantil brasileira nasce apenas no final do século XIX. Mesmo nesse momento, a circulação de livros infantis no país é precária e irregular, representada principalmente por edições portuguesas que só aos poucos passam a coexistir com as tentativas pioneiras e esporádicas de traduções nacionais. Enquanto sistema (de textos e autores postos em circulação junto ao público), a literatura destinada ao jovem público brasileiro se consolida somente nos arredores da Proclamação da República. (ZILBERMAN, 1986).

Como elementos auxiliares nesse processo, os livros infantis e escolares são dois gêneros que saem fortalecidos das várias campanhas de alfabetização deflagradas e lideradas, nessa época, por intelectuais, políticos e educadores,

abrindo espaço, nas letras brasileiras, para um tipo de produção didática e literária dirigida especificamente ao público infantil.

Monteiro Lobato é um dos escritores mais famosos na área da Literatura Brasileira, pois as suas histórias realmente contagiam um público infantil pelas formas em que as histórias são representadas, cores, conteúdo e que instiga a criança à imaginação e diversão ao mesmo tempo.

Publicando em 1921 *Narizinho arrebitado*, Lobato inaugura uma nova estética da literatura infantil no país, concebendo-a como arte capaz de modificar a percepção de mundo e emancipar seus leitores. A renovação por ele proposta pode ser observada tanto no plano retórico como no ideológico. No que se refere à retórica, observa-se na prosa lobatiana soluções comunicativas no plano linguístico que despem a língua de qualquer rebuscamento, dando primazia à espontaneidade do estilo infantil por meio da valorização do discurso oral, expressões de linguagem popular, neologismos e onomatopeias. Quanto ao aspecto ideológico, ou seja, ao conjunto de ideias que dão conformação ao texto, o que se observa em sua produção infantil é a captação do leitor pelo mundo ficcional. Estimulando esse leitor a ver a realidade por conceitos próprios, o autor incita-lhe o senso crítico, apresentando problemas sociais, políticos, econômicos e culturais que, por meio de especulações e discussões das personagens, são vistos criticamente. Destaca-se ainda em sua obra: a apresentação de situações ignoradas pelo receptor, provocando uma postura crítica diante delas; a valorização da verdade e da liberdade, estabelecendo uma nova moral; a relativização do maniqueísmo da moral absoluta; e a presença do elemento maravilhoso utilizado não como antítese do real, mas como uma forma de interpretá-lo. (ZILBERMAN, 1987, p.236-237).

Não se pode dimensionar a importância de Monteiro Lobato para os avanços na literatura infanto-juvenil. Suas obras faziam com que as crianças se sentissem motivadas pela história e, assim, desenvolvia a leitura, criatividade e emoção. Na obra *Narizinho arrebitado* conforme pode ser analisado, a história se passa com gravuras, personagens bem coloridos para realmente atrair o público leitor infantil.

2.1 A cultura negra

Desde quando os portugueses, que foram levados pela escassez de mão de obra no período colonial no Brasil, resolveram importar escravos, não apresentavam conhecimento do tratamento desumano que seria imposto aos cativos.

Na ambiguidade desta nossa história de que são vítimas os negros, numa sociedade que os exclui dos benefícios da vida social, mas que, no entanto, consome os deuses do candomblé, a música, a dança, a comida, a festa, todas as festas de negros, esquecida de suas origens. E penso também em como, em vez de registrar simplesmente o fracasso dos negros frente às tantas e inumeráveis injustiças sofridas, esta história termina por registrar a sua vitória e a sua vingança, em tudo o que eles foram capazes de fazer para incorporar-se à cultura brasileira. Uma cultura que guarda, através de sua história, um rastro profundo de negros africanos e brasileiros, mulatos e cafuzos, construtores silenciosos de nossa identidade. E não se pode dizer que não houve afetividade ou cumplicidade nessa relação. A mestiçagem é a maior prova dessa história de pura sedução, da sedução suscitada pela diferença, que ameaça e atrai, mas acaba sendo incorporada como convívio tenso e sedutor, em todos os momentos da nossa vida. Tudo isso é memória. Tudo isso faz parte da nossa história. Uma história escamoteada que já não poderá mais ficar esquecida pela história oficial. (ARAUJO. 2007, p.5).

Os negros sempre foram uma raça sofrida, os mesmos eram trazidos para o Brasil, no qual eram escravizados, restou sua cultura que orgulha não somente as pessoas que são definidas como descendentes afro-brasileiro, mas a todos os que vivem neste país. A comunidade negra como todas as outras possuem suas tradições, costumes, fatos, dentre outras coisas que se conduzem de maneira duradoura por diferentes gerações.

Como se sabe, na atualidade, em todos os segmentos da sociedade, já são vislumbradas mudanças significativas no campo da valorização dos povos negros e da sua cultura, mas é no campo educacional que as principais mudanças vêm acontecendo. Com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) – leis que estabelecem a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (Lei 10.639/03) e Indígena (Lei 11.645/08) na educação do ensino fundamental e médio, nas escolas públicas e privadas do país – houve inclusão nas respectivas diretrizes curriculares nacionais orientações para salvaguardar a educação das relações étnico-raciais, cotas para negros e indígenas nas universidades públicas, são exemplo que comprovam essas mudanças. (ARAUJO, 2013, p. 08). Como observa Arroyo (2007, p. 114), “os avanços têm sido significativos e promissores, porém lentos. Ainda há muito a avançar”.

2.2 O negro na literatura infantil

Entre o ano 1900 e 1920, o negro nada mais era do que um personagem quase ausente e na maioria das vezes quando apareciam era desenvolvendo cenas domésticas. Ele não tinha voz e nem vez, era um mudo, carente de uma caracterização que fosse além da referência racial. Outras vezes ele representava um personagem do período da escravidão, elemento presente em diversas obras, tais como: *Contos pátrios*, de Olavo Bilac.

Essa ausência do negro nas cenas sociais descritas no período remete à sua marginalização após a abolição. O apagamento do negro nos textos da época reflete uma mentalidade dominante voltada para os ideais de progresso e civilização. Procuravam-se eliminar os antigos hábitos urbanos, assim como afastar dos grandes centros os grupos populares, concebidos como focos de agitação e resistência à nova ordem social. Nesse quadro, o negro era percebida como herdeiro de uma ordem social arcaica e ultrapassada, ligada ao tradicionalismo, à ignorância, ordem a ser substituída por um modelo europeizante, calcado na ideia de progresso. A escravidão era representada como marca vexatória do passado de um país atrasado. Assim, a figura do negro, com seu corpo, suas práticas e sua história constituiria a presença incômoda da antiga ordem escravocrata, incompatível com o projeto de um país “civilizado”. (GOUVÊA, 2000, p.26).

Cabe dizer que o negro na Literatura Brasileira bem antes da época em que os escravos eram traficados não tinha tanto destaque, porque não consideravam os escravos, os negros, como seres humanos.

2.3A beleza negra através do cabelo de Lelê

Nos dias atuais, o negro ainda sofre com a discriminação por sua cor e características da sua raça, que os fazem sofrer bastante. Embora a sociedade seja racista por parte de muitos, há a necessidade de respeitar as diversidades, independentemente de raça, credo ou condição social.

Ser negro se compromete na experiência de resgatar uma história e assim fazer com que sua potencialidade seja reconhecida.

A beleza negra é muito rica, mais perante uma sociedade em que há desigualdades, muitos negros sofrem com o preconceito racial.

Na obra *o Cabelo de Lelê* a todo instante é feito um elogio satisfatório sobre o cabelo de Lelê que é feito de lindos cachinhos, são tantos cachinhos que até mesmo ela não sabe o que fazer, mas de todo jeito que faz fica lindo.

Lelê procurava em um livro sobre o segredo dos seus cabelos, pois ela queria saber de onde vinha tantos cachos. O livro mostra a sua descendência africana repleta de vários acontecimentos, inclusive o amor enrolado no cabelo.

Depois do Atlântico, a África chama e conta uma trama de sonhos e medos, de guerras e vidas e mortes no enredo também de amor no enrolado cabelo. Puxado, armado, crescido, enfeitado, torcido, virado, batido, rodado. São tantos cabelos, tão lindos, tão belos! (BELÉM, 2007)

Conforme o exposto vê-se o quanto o cabelo de Lelê é incomparável a outros tipos de cabelo sendo belo de qualquer forma que for posto. E ela não se importa de como é o seu cabelo, ela brinca, corre e solta o seu cabelo. Além disso, seus cabelos retratam a sua herança trocada no ventre da raça do pai, do avô, de além-mar.

Na obra *o cabelo de Lelê*, é percebido que a menina sempre está de bem com a vida, mostra sua espontaneidade e sem receio de mostrar a sua beleza negra estampada em seus longos cabelos.

Por ser um livro bastante ilustrado e com cores fortes chama a atenção da criança. Sendo possível, para o leitor que não lê, conhecer a história por meio da sua ilustração que é colorida e cheia de figuras.

Cada desenho nas páginas mostra para a criança como era o cabelo de Lelê, mesmo para o leitor que não sabe lê. Um exemplo disso é, de forma a dar relevância à diversidade racial, o texto traz inúmeros desenhos de como pentear e enfeitar o cabelo de Lelê.

Em outra parte de “o cabelo de Lelê”, Lelê brinca com o globo terrestre, significando que o cabelo encarapinhado está em toda parte e no final a autora afirma que “*Lelê ama o que vê!*” Essa frase dá sentido ao fato de Lelê se aceitar do jeito que é, demonstrando que ser negra e ter o cabelo encaracolado é muito bonito.

Depois disso, há outra frase *e você?*, estabelecendo uma comunicação direta com o leitor.

Em relação ao formato da letra o texto é escrito no formato de vários tipos de letras. Na frase “**Lelê** não gosta do que **vê**” vê-se uma musicalidade entre as palavras *Lelê* e *vê* e na frase “Joga pra **lá**, puxa pra **ca**”, é percebido a rima entre *lá* e *cá*.

Conforme a referida obra, no final mostra a união das raças quando traz um casamento entre Lelê com outro personagem branco. Sendo assim vê-se que as raças se misturam e a sociedade deve deixar de lado o preconceito racial e social, dentre outros. Durante a leitura, pode-se perceber que o respeito se torna algo fundamental a qualquer pessoa seja ela diferente ou não.

3. Considerações finais

A escritora Valéria Belém, em seu livro, *O cabelo de Lelê*, discute a questão da beleza da raça negra, principalmente os cabelos de Lelê de uma forma bem dinâmica e divertida. Ela fala dos cachos dos cabelos de uma forma bem interessante e sobre a origem negra, desde a África.

O tema escolhido é de suma importância, pois através da descrição dos cabelos de Lelê é possível notar como é a beleza negra e como essa autora retrata a origem do negro por meio dos lindos cachos. Assim, este projeto pretendeu evidenciar a imagem positiva da beleza de origem africana.

Além disso, as ilustrações presentes no livro, percebe-se que as mesmas chamam bastante atenção do público infantil. Através das letras grandes e que apresentam rimas, faz com que as crianças fixem mais no texto e aprendam a ler de uma forma divertida e ainda valorizar os atributos da raça negra.

O cabelo da Lelê também chama bastante atenção dos leitores, pois através dos lindos cachos, grandes e soltos ao vento, faz a criança refletir o porquê dela ter tanto esse cabelo e valorizá-lo.

4. Referências

ARAUJO, Emanoel. **Viva Cultura, Viva o Povo Brasileiro**. Museu Nacional: São Paulo, 2007.

ARAÚJO, Jurandir de Almeida. Resinificando a história e a cultura africana e afro-brasileira na escola. São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.artificios.ufpa.br/Artigos/Revista6/artigo%20jurandir.pdf>. Acesso em 10 de fevereiro de 2017, às 13:05.

BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelê**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. **Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica**. Belo Horizonte – MG, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n1/a06v31n1.pdf>. Acesso em 10 de outubro de 2016, às 22:35.

JOAQUIM, Maria Salete. **O papel da liderança religiosa feminina na construção da identidade negra**. Rio Grande do Sul: Pallas; São Paulo: Educ, 2001. Disponível em: http://www.uel.br/grupoestudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais_12/artigos/pdfs/comunicacoes/C_Reis2.pdf. Acesso em 27 de maio de 2016, às 15:38.

ZILBERMAN, Regina e LAJOLO, Marisa. **Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos**. 2. ed. São Paulo: Global, 1986

ZILBERMAN, Regina e MAGALHÃES, Ligia Cademartori. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12904/1/2012_EmilianoRivelloAlves.pdf. Acesso em 15 de dezembro de 2016, às 15:30.